

UM RELATIVISMO TOTALITÁRIO? ALFRED ROSENBERG, OS DIREITOS DO HOMEM E O “RELATIVISMO FILOSÓFICO”

Dante Alexandre Ribeiro das Chagas & Philippe Oliveira de Almeida***

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o espaço ocupado pelos "direitos do homem" no sistema filosófico de Alfred Rosenberg. No Pós-Guerra, muitos autores - como Hannah Arendt, Hans Kelsen e Karl Popper - argumentaram que o totalitarismo político seria uma consequência do "totalitarismo filosófico", isto é, da tentativa de criar um modelo teórico capaz de abarcar todas as esferas da existência humana. O culto ocidental à razão teria conduzido a Europa ao fascismo, rejeitando o pluralismo e a diversidade cultural. Contudo, nenhum dos autores que desenvolveram essa abordagem se ocuparam de uma análise aprofundada da filosofia produzida por intelectuais nazistas, durante o Terceiro Reich. É preciso questionar como filósofos nazistas compreendiam o humanismo, o racionalismo, e a tensão entre universalismo e relativismo cultural. A leitura dos escritos de Rosenberg — o mais influente filósofo da Alemanha nazista — refuta a tese segundo a qual o totalitarismo derivaria da pretensão universalizante do pensamento ocidental. Rosenberg é relativista e antiintelectualista, e sua defesa teórica do nazismo se desenvolve a partir de uma crítica aos "direitos humanos" e, de forma geral, à busca filosófica por categorias *metaempíricas* que poderiam funcionar como referência para toda a humanidade.

Palavras-chave: Alfred Rosenberg; Totalitarismo; Humanismo; Relativismo; Philippe Lacoue-Labarthe.

A TOTALITARIAN RELATIVISM? ALFRED ROSENBERG, HUMAN RIGHTS AND THE “PHILOSOPHICAL RELATIVISM”

Abstract: The aim of this article is to analyze the space occupied by "human rights" in the philosophical system of Alfred Rosenberg. In the postwar period, many authors - such as Hannah Arendt, Hans Kelsen, and Karl Popper - argued that political totalitarianism would be a consequence of "philosophical totalitarianism," that is, of the attempt to create a theoretical model capable of encompassing all spheres of human existence. The Western cult of reason would have led Europe to fascism, rejecting pluralism and cultural diversity. However, none of the authors who developed this approach were concerned with an in-depth analysis of the philosophy produced by Nazi intellectuals during the Third Reich. We need question how Nazi philosophers understood humanism, rationalism, and the tension between universalism and cultural relativism. The reading of Rosenberg's writings - the most

* Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa Controle Estatal, Racismo e Colonialidade (CERCO); organizador e editor do encontro *orí* e da Revista *encontro orí*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-3443>. Contato: dantechagas@ufmg.br.

** Professor adjunto de Filosofia do Direito na Faculdade Nacional de Direito (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil). Possui pós-doutorado pelo Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor, Mestre e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da UFMG. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2097-6823>. Contato: philippealmeida@gmail.com.

influential philosopher of Nazi Germany - refutes the thesis that totalitarianism would derive from the universalist pretension of Western thought. Rosenberg is relativistic and anti-intellectualist, and his theoretical defense of Nazism develops from a critique of "human rights" and, in general, the philosophical search for meta-empirical categories that could serve as a reference for all humanity.

Keywords: Alfred Rosenberg; Totalitarianism; Humanism; Relativism; Philippe Lacoue-Labarthe.

¿UN RELATIVISMO TOTALITARIO? ALFRED ROSENBERG, LOS DERECHOS DEL HOMBRE Y EL “RELATIVISMO FILOSÓFICO”

Resumen: El propósito de este artículo es analizar el espacio que ocupan los "derechos del hombre" en el sistema filosófico de Alfred Rosenberg. En la posguerra, muchos autores - como Hannah Arendt, Hans Kelsen y Karl Popper- argumentaron que el totalitarismo político sería una consecuencia del "totalitarismo filosófico", es decir, del intento de crear un modelo teórico capaz de abarcar todas las esferas de la existencia humana. El culto occidental a la razón habría llevado a Europa al fascismo, rechazando el pluralismo y la diversidad cultural. Sin embargo, ninguno de los autores que desarrollaron este enfoque profundizó en el análisis de la filosofía producida por los intelectuales nazis durante el Tercer Reich. Es necesario cuestionar cómo entendían los filósofos nazis el humanismo, el racionalismo y la tensión entre universalismo y relativismo cultural. La lectura de los escritos de Rosenberg —el filósofo más influyente de la Alemania nazi— refuta la tesis de que el totalitarismo deriva de la pretensión universalizadora del pensamiento occidental. Rosenberg es relativista y antiintelectualista, y su defensa teórica del nazismo parte de una crítica a los "derechos humanos" y, en general, de la búsqueda filosófica de categorías metaempíricas que puedan funcionar como referente para toda la humanidad.

Palabras clave: Alfred Rosenberg; Totalitarismo; Humanismo; Relativismo; Philippe Lacoue-Labarthe.

1 Introdução

Este trabalho tem o intuito de relativizar a associação - feita, insistentemente, por intelectuais pós-modernos - entre sistemas filosóficos *totalizantes* e regimes políticos “*totalitários*”. Referida tese - que remonta ao pós-Guerra - encontra, em obras contemporâneas como *O mito nazista* (de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy) seu pleno desenvolvimento. Procuraremos demonstrar (partindo, em especial, de uma crítica a Lacoue-Labarthe e Nancy) que essa associação parte de erros factuais, ignorando especificidades da produção teórica desenvolvida pelo nazi-fascismo. Para tanto, discutiremos o papel que Alfred Rosenberg, filósofo profundamente conectado ao Terceiro Reich, deu, em seu trabalho, a conceitos como ‘razão’, ‘humanismo’ e ‘direitos do homem’.

É evidente, no texto de Rosenberg, o rechaço a tendências “universalistas” da tradição filosófica ocidental – rechaço que poderia, paradoxalmente, aproximá-lo do “pós-modernismo”. Não é nossa intenção, aqui, lançar mão da falácia da *Reductio ad Hitlerum* para sugerir que existiria uma inclinação totalitária na argumentação de Lacoue-Labarthe e Nancy (ou de Popper, Kelsen e Arendt, autores que os antecederam). Nosso objetivo, pelo contrário, é exatamente sublinhar o abuso dessa falácia por ditos acadêmicos (e outros ainda), que aparelham humanismo e nazismo sem, no entanto, se dedicarem a uma exegese acurada de um ou outro.¹

Tornou-se bastante difundida, na cena pública contemporânea, a ideia de que o apelo ocidental a princípios pretensamente universalizáveis – como o da dignidade humana – esconde uma lógica totalitária de aniquilamento da diversidade. O pós-modernismo opera, à luz dos traumáticos anos da Guerra Total², uma rasteira no pensamento metafísico e um esforço de pulverização de cosmovisões integradas, em nome de uma fragmentação espiritual cada vez mais latente no capitalismo.³ Um conformismo que se furta a pensar o todo e relega a totalidade ao mero e ao micro, de modo a tornar cada vez mais o pessoal em político sob o erro de perder a atividade política como um horizonte. Substitui-se uma agenda de reforma pública por um empoderamento individual; um grande projeto coletivo para um cultivo de si; um giro do público para o privado tornando as agendas paulatinamente mais particulares e identitárias.⁴ Denuncia-se que o discurso filosófico, em especial (sempre no

¹ Num cenário, como o que temos presenciado na última década, de revivescência do populismo de direita, semelhante análise pode ajudar-nos a pensar em estratégias para o enfrentamento de discursos autoritários. Como alguns formadores de opinião vem destacando, o relativismo moral e epistemológico – sublinhado por algumas vertentes do pensamento pós-moderno – talvez não seja o caminho mais adequado para a consolidação de um espírito genuinamente democrático. Nesse sentido, revisitar a crítica que autores como Lacoue-Labarthe e Nancy fazem ao nazi-fascismo, explicitando suas lacunas, é um caminho para que se construa uma crítica *autêntica* (não-mitificada) da experiência totalitária, e de seu legado.

² HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³ JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

⁴ Instaura-se um vazio que emudece as formas culturais e suas contingências, um conformismo derrotista que se inibia de qualquer radicalidade. Essa virada teria aberto o caminho para a hegemonia cultural estadunidense. EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lucia Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016: “Entre outras coisas, a cultura havia sido uma maneira de manter aquecida a política radical, sua continuação por outros meios. Cada vez mais, todavia, ela passaria a ser um substituto. De algumas formas, a década de 1980 foi como as de 1880 e 1960 sem a política. À medida que se desfaziam as esperanças políticas, os estudos culturais ganharam proeminência. Sonhos de ambiciosa mudança social eram denunciados como “grandes narrativas” ilícitas, mais inclinadas a levar ao totalitarismo do que à liberdade. De Sydney a San Diego, de Capetown a Tomsó, todo mundo estava pensando pequeno. A micropolítica eclodiu numa escala mundial. Uma nova fábula épica sobre o fim das fábulas épicas espalhou-se por todo o globo. De um extremo a outro do planeta doente, havia chamados para abandonar o pensamento planetário. Qualquer coisa que nos unisse — o que quer que fosse o mesmo — seria danosa (...) No entanto existiam também formas de políticas culturais que separavam de seus contextos

rastrado de um horizonte transcendental de compreensão) estaria, secretamente, a serviço da normalização dogmática. Hoje, muitos teóricos – em especial, inspirados pelo chamado “pós-estruturalismo francês”, movimento intelectual que eclodiu nos anos 1970 – rejeitam qualquer projeto de planejamento social e de inovação institucional, ao argumento de que, por trás do verniz humanista, se esconderia uma orientação uniformizadora e distópica.⁵ A própria razão substantiva (*phronesis, prudentia*), tentativa de, por meio do discurso demonstrativo, atingir consensos acerca de fins e preceitos comuns, é rejeitada, por tais autores, como uma ferramenta *fascistóide* de opressão. Se essa lógica atende à legitimação da agenda neoliberal, não parece, no entanto, uma hermenêutica acurada da história da filosofia. É necessário compreender em que medida os regimes “totalitários”⁶ que despontaram na Europa no século XX (fascismo, nazismo e stalinismo) de fato se valeram do discurso filosófico para se justificarem. A releitura de pensadores que apoiaram tais movimentos (que vem se tornando um tabu, nos meios acadêmicos) torna-se, então, fundamental. Um dos pensadores aos quais devemos voltar é, sem dúvida, Alfred Rosenberg. Conhecido como o maior filósofo do nazismo – embora não necessariamente o maior filósofo nazista –, Rosenberg tem uma posição singular no que tange ao humanismo (quer dizer, à postura, tipicamente filosófica, de que seria viável traçar padrões gerais a propósito da condição humana, independentemente de tempo e espaço).⁷ A reflexão sobre a

políticos as questões de experiência e identidade. O ponto não era mudar o mundo político, mas garantir um nicho cultural dentro dele. Às vezes as políticas culturais pareciam ser aquilo que sobrava quando você não tinha nenhum outro tipo de política”.

⁵ Sobre o tema, v. COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. V., ainda, ALMEIDA, Philippe Oliveira de. *Crítica da razão antiutópica: inovação institucional na aurora do Estado moderno*. 2016. 329 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

⁶ Sempre é válida a cautela em relação ao termo que pretende ser homogeneizante em relação a dois fenômenos distintos a fim de sustentar uma narrativa maniqueísta com base na memória de violência do século XX, de modo a simultaneamente apontar o liberalismo como o único norte possível para todo o globo e eleger seus “inimigos totalitários” como entraves a serem superados. Nessa empreitada, dois regimes díspares são equiparados por sua fachada e o conceito de totalitarismo é, em um primeiro momento, reduzido e personificado nas figuras de Hitler e Stalin e depois atribuído a toda URSS. V. TRAVERSO, Enzo. *El totalitarismo: usos y abusos de un concepto*. In: FORCADELL, Carlos; SABIO, Alberto (eds). *Las Escalas del pasado, IV Congreso de Historia local de Aragon, Instituto de Estudios Altoaragoneses*, p. 99-110, 2005.

⁷ Os termos “humanismo” e “tradição humanista” são polissêmicos. Neste trabalho, nós os compreendemos, especificamente, como a corrente doutrinal (ou o conjunto de correntes doutrinárias) que, a partir da inflexão antropocêntrica, defende a existência de uma *condição humana* comum, que nos apartaria dos demais seres e nos irmanaria para além das posições estamentais, das singularidades culturais, das limitações temporais e espaciais etc. O *prestígio* que cada agrupamento social reivindica para si não poderia, assim, sobrepor-se ao *valor absoluto* que todo ser humano possui, pelo simples fato de ser humano, participe de um destino compartilhado. Embora deite raízes na Antiguidade – é vasta, por exemplo, a bibliografia acerca do “humanismo latino” –, essa perspectiva se consolida na Renascença, e tem, na obra de Pico della Mirandola, um impulso seminal. Sobre o tema, v. PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Trad. Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2008. Recomendamos, ainda, a leitura de SALGADO, Karine; FEITAL, Thiago Álvares. Pico della Mirandola, Botticelli e a “antropologização” do

contribuição dada pelo pensamento filosófico ao despontar do totalitarismo passa, inevitavelmente, pela análise da obra de Rosenberg (e do papel que nela desempenham os “direitos do homem”). Tal esforço nos abre um horizonte que desmantela o falacioso mito pós-moderno e neoliberal que tenta, a todo custo, acorrentar e reduzir a tradição humanista a uma *conditio sine qua non* do nazismo.

2 A filosofia totalizante e os regimes totalitários: Lacoue-Labarthe, Popper, Kelsen

Em 1946, Jean Paul Sartre intitulou um de seus mais notórios escritos como *O existencialismo é um humanismo*.⁸ Contra a crença de que sua doutrina conduziria ao niilismo e à anomia, o intelectual francês argumentava que, por sublinhar a necessidade de o indivíduo *engajar-se* e *responsabilizar-se* (posto que ele “nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”), o existencialismo se mostraria o verdadeiro legatário da tradição filosófica humanista (em sua afirmação da dignidade do homem). Décadas depois, parodiando Sartre, Philippe Lacoue-Labarthe dirá: “o nazismo é um humanismo”.⁹ Especialista em Heidegger, Lacoue-Labarthe sugere que os *studia humanitatis* seriam expressão da “vontade de potência” ocidental:¹⁰ a tentativa de reduzir o homem a uma definição unívoca – como a de *animal rationale* – sinalizaria o espírito logocêntrico e objetificante do pensamento europeu, que se encontraria no germe do fascismo. A busca, em si mesma, por uma “natureza” humana, universal e necessária, denunciaria as aspirações de

Direito – em busca de uma representação da justiça no Quattrocento. *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora, n. 14, v. 2, p. 125 a 150, outubro de 2011.

⁸ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

⁹ Cf. LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*; seguido de *O espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. Trad. Márcio Seligmann Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

¹⁰ Em célebre carta a Jean Beaufret, Heidegger procura diferenciar sua “analítica existencial” do existencialismo sartriano. Beaufret, acompanhando Sartre, indaga ao mestre alemão: “Como tornar a dar sentido à palavra ‘Humanismo’?”. Heidegger esforça-se, então, para mostrar que sua “destruição fenomenológica” constitui-se em um projeto inarredavelmente anti-humanista. Nos seguintes termos o autor narra a história da tradição humanista: “Somente na época da república romana, *humanitas* é, pela primeira vez, expressamente pensada e visada sob este nome. Contrapõe-se o *homo humanus* ao *homo barbarus*. O *homo humanus* é, aqui, o romano que eleva e enobrece a *virtus* romana através da ‘incorporação’ da *paidéia* herdada dos gregos. [...] Em Roma, encontramos o primeiro humanismo. Ele permanece, por isso, em sua essência, um fenômeno especificamente romano, que emana do encontro da romanidade com a cultura do helenismo. A assim chamada Renascença dos séculos XIV e XV, na Itália, é uma *renascentia romanitatis*. [...] Também o *homo romanus* do Renascimento está numa oposição com o *homo barbarus*. Todavia, o in-unamo é, agora, o assim chamado barbarismo da Escolástica Gótica da Idade Média”. HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Conferências e escritos filosóficos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 152 e 153. Para Heidegger, é a “dignidade do ser” – e do homem como “pastor do ser” e, não, como *animal rationale*, ente entre outros – que merece ser enfatizada. Nesse sentido, Sartre seguiria prisioneiro das categorias da filosofia tradicional.

domínio tecnocrático dos humanistas. Como Heidegger observa: “qualquer humanismo permanece metafísico”,¹¹ isto é, mantém-se comprometido com a racionalidade instrumental, em seu esforço para minimizar a meditação sobre o sentido da existência à construção de um *sistema* teórico. Para Lacoue-Labarthe, cada povo apresenta seu próprio “horizonte de compreensão”, e a expectativa humanista de erigir uma cosmovisão metacultural (ainda que pautada na salvaguarda do “valor absoluto da pessoa”) fatalmente levará a incursões autocráticas. As pretensões *totalizantes* da Metafísica – e da filosofia fundacionista, de maneira geral – alimentariam o instinto *totalitário* do Ocidente.

Lacoue-Labarthe não está sozinho em sua denúncia das vertentes humanistas do filosofar. Na contemporaneidade, tornou-se tema corrente de debate a associação entre a tirania e os projetos sistemáticos dos grandes clássicos. Um dos principais argumentos de que o pós-modernismo lança mão para justificar sua rejeição às “grandes narrativas” é, precisamente, a suposta conexão da Metafísica com o “despotismo esclarecido”.¹² Acreditando-se capaz de, por meio do intelecto discursivo, “dar conta” de todo o real, o “filósofo da corte” apoia medidas políticas arbitrárias e unidirecionais, que convertem a população em “massa de manobra”. De Platão a Hegel,¹³ a filosofia teria, em seu empenho por preservar noções transcendentais, fomentado um programa de homogeneização e extermínio da diferença – programa que culminaria no Terceiro Reich, ideal de racionalização completa do mundo da vida. Nesse sentido, a Alemanha de Hitler se configuraria na utopia racional *par excellence*, a sociedade esclarecida guiada pelo Rei-Filósofo.¹⁴

¹¹ HEIDEGGER, *Sobre o humanismo*, cit., p. 153.

¹² Sobre o pós-modernismo, v. ALMEIDA, Philippe Oliveira de. Universalismo e relativismo cultural em Castoriadis. *Revista Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, n. 16, p. 23 a 38, 2016.

¹³ Uma defesa a Hegel contra esses absurdos se encontra em HENRIQUES, Hugo Rezende. A totalidade contra os totalitarismos: Hegel e a Vontade Nacional. In: HORTA, José Luiz Borges (Org.). *Hegel, Paixão e Diferença*. 1ed. Belo Horizonte: Editora Expert, 2021, v. 1, p. 108-125. De forma maestra, o pensador nos convida, a partir de Hegel, a tomar uma consciência da totalidade contra os “totalitarismos”, salvaguardando o papel definitivo da política como mediadora e garantidora tanto da eterna construção efetiva de uma vontade nacional quanto da garantia de direito e cidadania às minorias: “O Ocidente é, afinal, ao menos desde Hegel, seriamente consciente de sua História e de seu compromisso com a sua própria tradição, inclusive com a tradição democrática e parlamentar. Assim, desde o chamado de Hegel à consciência dos sujeitos, dos povos, e dos Estados, é preciso que tenhamos sempre em mente a necessidade de pensarmos nas críticas às nossas instituições como um esforço de suprassunção destas formas, lutando bravamente contra seu esvaziamento ou difamação pura e simples. É este o chamado inequívoco da consciência da totalidade!”. HENRIQUES, *A totalidade contra os totalitarismos*, cit., p. 116.

¹⁴ Essa caracterização dos regimes totalitários como “utopias racionais” é bastante limitada, face ao “irracionalismo” que permeou, durante o Terceiro Reich, a retórica de Hitler. Ela pode, talvez, ajudar a compreender o trabalho de figuras como Othmar Spann, cuja doutrina holística, baseada em Platão e Hegel, pretendia, com efeito, apresentar um sistema filosófico onicompreensivo que sustentasse um Estado corporativo autoritário. Cabe indagar, contudo, em que medida o “racionalismo” e o “universalismo” de Spann

Embora tenha amadurecido na Pós-Modernidade, a tese do vínculo entre humanismo e nazismo deu seus primeiros passos ainda à época da Segunda Grande Guerra, criando uma verdadeira coalizão liberal-pós-moderna. Segundo Domenico Losurdo, antes da publicação de *As Origens do Totalitarismo* de Hannah Arendt, em 1951, o conceito de totalitarismo ainda estava um tanto disperso: uma ideologia ou pensamento seriam totalitários ao buscar respostas que dessem conta do múltiplo e atendessem ao homem em sua totalidade e não necessariamente seria algo ruim. Seria um conceito polissêmico que poderia servir tanto para criticar uma “antirrazão do capitalismo totalitário”¹⁵ ou um olhar mais voltado para a dominação colonial e imperial que tenta traçar um desdobramento histórico de um “poder totalitário”, conforme Simone Weil. Essas polissemias diluem-se formando um caldo liberal no decorrer da Guerra Fria.¹⁶ Žizek é mais contundente e afirma que a noção de “totalitarismo” foi a principal arma utilizada pelo Ocidente na luta ideológica da Guerra Fria e hoje serve como um “antioxidante ideológico” que busca o controle de “radicais livres”. O filósofo e psicanalista denuncia desde a transformação de Arendt em uma autoridade inquestionável até o esforço neoliberal de inibir qualquer projeto político de viés radical, sob o suposto risco de incidir em um regime totalitário. O termo seria, portanto, não um “conceito efetivo”, mas um mero “tapa-buraco” que impede o erigir de novos pensamentos. Aceitá-lo e insistir em uma fracassada tentativa de salvá-lo ao tentar distinguir suas variantes fascista e comunista seria valer-se do “horizonte liberal-democrático” e cair nas armadilhas de seus asseclas que de tudo fazem para manter a ordem.¹⁷

Hannah Arendt, na vanguarda dessa sólida “coalizão liberal pós-moderna”, em reiteradas obras, identificará o fascínio pelo fascismo como um “vício profissional” dos filósofos, que, por se dedicarem a pensar o ser, seriam incapazes de pensar a cidade.¹⁸ Outros

resumem o pensamento nazi-fascista. Sobre o tema, v. FRIESEN, J. Gleen. Dooyeweerd, Spann, and the philosophy of totality. *Philosophia Reformata*, Leiden, v. 70, n. 1, p. 2 a 22, 2005.

¹⁵ ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

¹⁶ LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. Trad. Maryse Farhi. *Crítica Marxista*, n 17, p. 51-79, 2006.

¹⁷ ŽIZEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo?: cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. E diz mais: “a própria realidade social (mercado capitalista global tardio) de hoje é dominada pelo que Marx chamou de poder da “abstração real”: a circulação do capital é a força de “desterritorialização” radical (para usar o termo de Deleuze) que, em seu próprio funcionamento, ignora ativamente as condições específicas e não pode ser “enraizada” nelas. Não é mais a universalidade que obstrui a virada de sua parcialidade, de seu favorecimento de um conteúdo particular, como acontece na ideologia-padrão; ao contrário, é a própria tentativa de localizar raízes particulares que obstrui ideologicamente a realidade social do reino da “abstração real”.

¹⁸ ARENDT, Hannah. Martin Heidegger faz 80 anos. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

dois exemplos notórios, a propósito, são Karl Popper e Hans Kelsen (ambos, vale notar, judeus austríacos obrigados a emigrar em virtude da ascensão do Reich): já na década de 1940, os dois intelectuais irão se ocupar da tarefa de mostrar que o “totalitarismo ontológico da filosofia ocidental” teria aberto a estrada em direção a Auschwitz.

No âmbito da Filosofia da Ciência, Popper ficou conhecido por elaborar um modelo de “racionalismo crítico”, que, no afã de superar as aporias do racionalismo cartesiano (dogmático) e do empirismo, centra-se na ideia de *falsificacionismo*.¹⁹ Dita doutrina propõe que, para ser científica, uma hipótese deve ser *testável*, quer dizer, deve ter condições de sujeitar-se à verificação empírica – de maneira a ser corroborada ou refutada. Proposições tais como “a televisão está ligada” são passíveis de prova, e, portanto, *válidas* (verdadeiras ou não). Já proposições como “Deus existe”, “a alma é imortal” ou “o homem é livre” não se sujeitam ao teste, e não podem, pois, ser refutadas ou corroboradas. Isso, no entender de Popper, as tornaria inválidas. Ora, Popper importa, para o campo da Filosofia Política, a lógica do falsificacionismo.²⁰ Segundo o autor, parcela substancial das teorias acerca da justiça e do bem comum produzidas na história da filosofia trabalhou para se blindar contra a investigação empírica. Ancorados em um raciocínio puramente dedutivo e avesso à empiria, os pensadores do político se esquivariam do debate franco. Perseguindo valores absolutos (e opondo-se ao relativismo epistêmico e moral necessário à manutenção do falsificacionismo), filósofos como Platão se situariam entre os inimigos da “sociedade aberta”.

Kelsen (na verdade, o positivismo jurídico como um todo) foi reiteradamente acusado de pavimentar o caminho para Hitler. A neutralidade axiológica da Teoria Pura do Direito teria feito dos juristas aplicadores autômatos da lei posta, indiferentes a questões éticas ou políticas. Sem o auxílio de um saber (juris)prudencial, uma racionalidade prática fundamentada coletivamente, em que pudesse se apoiar na tomada de decisão, o operador do Direito viu-se indefeso frente ao despontar das ideologias de massa. A clivagem entre o moral e o jurídico estabelecida pelo normativismo kelseniano seria reflexo da apatia e da alienação da República de Weimar, que teria fragilizado o jogo democrático e, assim, possibilitado o desenvolvimento do nazismo. Respondendo a seus detratores – e, em

¹⁹ Cf. SILVEIRA, Fernando Lang da. A filosofia crítica de Karl Popper: o racionalismo crítico, *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 197 a 218, dezembro de 1996. V., ainda, POPPER, Karl. *A Lógica da pesquisa científica*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974.

²⁰ V. POPPER, Karl. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, 2v.

especial, a seu ex-orientando Eric Voegelin, que procurava reconstruir, então, uma teoria do Direito Natural –, Kelsen dirá que, pelo contrário, o positivismo jurídico constituiria o último bastião do Estado de Direito.²¹ Conforme o autor, a crença na existência de realidades metaempíricas (o “objeto epistêmico soberano” das filosofias dogmáticas) seria a base de qualquer regime ditatorial. O “absolutismo filosófico”, desde os gregos, buscaria mesclar *ser* e *dever ser*, juízos de fato e juízos de valor. Funcionaria, assim, como instrumento na imposição de ideais privados (subjetivos) na esfera pública (objetiva). Na leitura de Kelsen, apenas o “relativismo filosófico” – de que o normativismo é expressão – se coaduna com a democracia, por estimular a tolerância e a diversidade de opiniões. As “verdades universais” do humanismo não seriam mais que mistificações calcadas em um “totalitarismo epistemológico”.²²

Imersos em um cenário global marcado pelo choque entre dois projetos de mundo e de futuro dicotômicos, a dizer, o capitalismo (EUA) e o socialismo (URSS), esses intelectuais tomaram uma posição clara em favor do bloco estadunidense e produziam com e nas instituições acadêmicas do então chamado Primeiro Mundo. Essa tentativa eficaz e obsessiva de se valer do trauma e do medo²³ para enxergar o mundo sob as ameaças de dois totalitarismos (fascismo e socialismo), perdia de vista — ou propositalmente produzia por debaixo dos panos — um projeto, por assim dizer, totalitário: uma espécie de absolutismo

²¹ Podemos, esquematicamente, dizer que, para Voegelin, o totalitarismo é decorrência do pensamento moderno, antropocêntrico, que pretende abolir o horizonte de significação erigido pelas sociedades tradicionais; enquanto, para Kelsen, são os regimes totalitários resultado da subsistência de conceitos pré-modernos, teocêntricos, na mentalidade hodierna. Sobre a querela entre Kelsen e Voegelin, remetemos o leitor a ALMEIDA, Philippe Oliveira de. *Filosofia como crítica das ideologias: o totalitarismo no embate entre Voegelin e Kelsen. Outramargem: revista de filosofia*, Belo Horizonte, n. 5, p. 171 a 188, segundo semestre de 2016. O embate deles gira em torno da categoria apontada por Žižek como “o modernismo enviesando-se”, “para alguns, o totalitarismo é o resultado necessário do esclarecimento modernista, inscrito em sua própria noção; para outros, é mais uma ameaça que se consuma quando o esclarecimento não realiza totalmente seu potencial”. ŽIZEK, *Alguém disse totalitarismo?*, cit., p. 11.

²² “O paralelismo existente entre o absolutismo filosófico e político é manifesto. A relação entre o objeto do conhecimento, o absoluto, e o sujeito do conhecimento, individual, é muito semelhante à que existe entre um governo absoluto e os que a ele estão sujeitos. O ilimitado poder de tal governo está além de qualquer influência por parte de seus governados, que devem obediência às leis sem participarem de sua criação; do mesmo modo, o absoluto está além de nossa experiência, enquanto o objeto do conhecimento, na teoria do absolutismo filosófico, é independente do sujeito do conhecimento, totalmente determinado, em seu conhecimento, por leis heterogêneas. O absolutismo filosófico pode muito bem ser caracterizado como totalitarismo epistemológico. De acordo com essa concepção, a constituição do universo não é, por certo, democrática. A criatura não participa da criação”. KELSEN, Hans. *A democracia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti, Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 181.

²³ KLEIN, Naomi. *A doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Para uma instigante discussão sobre o Poder do Mercado v. HENRIQUES, Hugo Rezende. *Fenomenologia do poder: o Estado de Direito e seu compromisso com o Poder como liberdade*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2020.

de mercado.²⁴ Tal empreitada pavimentou o caminho para o eufórico e falacioso discurso do fim da história e do fim das ideologias com o ocaso da URSS. Superados os entraves para o avançar da democracia liberal, não haveria mais espaço para sonhos, utopias, inovações e transformações, mas sim, apenas e tão somente, adequar e mundializar a realidade ao ideal neoliberal.²⁵ A criatividade, as juventudes, a possibilidade de novos amanhãs, e até o próprio Estado, tornam-se reféns do mercado.

Na contramão de suas próprias concepções teóricas, Popper e Kelsen pecam por não submeterem ao teste empírico a tese do caráter totalitário do humanismo. Em nenhum momento os autores tentam, para além de generalizações, analogias e paralelos superficiais, evidenciar elos genealógicos concretos entre a filosofia tradicional e o ideário nazista. No mesmo erro incorre Lacoue-Labarthe, bem como os acadêmicos pós-modernos que se insurgem contra a “face totalitária do discurso demonstrativo”.²⁶ As cartilhas do Partido Nacional-Socialista eram pontuadas por citações de Platão? As escolas do Terceiro Reich priorizavam o sistema especulativo de Hegel? O que liam (a supor que liam algo) os doutrinadores hitleristas? Era à noção de “dignidade humana” – e à fé em valores *tranhistóricos* – que recorriam, para legitimar a vivisseção, sem anestesia, de prisioneiros nos campos de concentração? Qual o lugar efetivo ocupado pela tradição humanista – universalista, sistemática, fundacionista, *metafísica* – na edificação do nazismo? Não temos, evidentemente, a pretensão de oferecer uma resposta definitiva a essas questões. Nosso trabalho, aqui, se adstringirá a apontar falhas na forma como, hodiernamente, o problema

²⁴ Ou o “*outro Leviatã*” que em seu voo mundial e globalista joga os povos ao relento da exploração e desigualdade como nos ensina BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves. *O outro Leviatã e a corrida ao fundo do poço*. São Paulo: Almedina, 2015.

²⁵ FUKUYAMA, Francis. The end of History?. *The National Interest*, No. 16, p. 3-18, 1989. Disponível em: <http://www.wesjones.com/eoh.htm#source>.

²⁶ Não temos a pretensão de esgotar a temática. Há uma vasta bibliografia, hoje, destinada a debater a tensão entre racionalismo e irracionalismo, no imaginário nazista e fascista. Muitos autores têm se ocupado, por exemplo, do impacto do romantismo oitocentista sobre o discurso “totalitário” [a propósito, recomendamos a leitura do clássico LUKÁCS, Georg. *A destruição da razão*. Trad. Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020]. Razão e desrazão, na experiência nazi-fascista (mas, também, na nossa), acabam se mesclando, em emaranhados complexos – nesse sentido, impossível definir uma proposta ideológica, em sua integralidade, como *racional* ou *irracional*. Jogando com esquemas weberianos, alguns teóricos sugerirão, inclusive, que um dos “diferenciais” do nazismo e do fascismo é, precisamente, a inovadora mescla entre organização burocrática (razão) e apelo carismático (desrazão). Nosso propósito, modesto, é problematizar a tese, pós-moderna, de que existiria uma relação de causalidade entre os *sistemas* filosóficos humanistas, por um lado, e o fascismo, por outro. Para tanto, procuramos mostrar como Rosenberg, um dos artífices da ideologia nazista, repudia um aspecto-chave dos *sistemas* supra-referidos, qual seja, a ênfase em categorias *universais*. Nós nos ateremos, nesse sentido, ao campo das *teorias* nazistas (sem considerar, pois, os graus de institucionalização e burocratização da *práxis*), buscando ver como o relativismo e o irracionalismo – o repúdio a “totalidades” – também faz parte da forma como alguns intelectuais nazistas pensam a filosofia.

tem sido colocado. Para tanto, analisaremos a abordagem dada por Alfred Rosenberg à temática dos direitos do homem.

3 O sonho da “humanização da humanidade”: Rosenberg e os direitos do homem

3.1 Breve nota biográfica sobre Alfred Rosenberg

Ainda hoje, *O mito do século XX – magnum opus* de Rosenberg ^{–27} é considerado, por grupos neonazistas, o principal texto catequético, ao lado de *Minha luta*, escrito por Hitler, e de *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler. O livro, que começou a ser redigido em 1917, foi terminado em 1925, mas só veio a ser publicado em 1930. Até o fim da década, um milhão de exemplares da obra haviam sido vendidos, feito considerável mesmo para os tempos atuais. Porém, nos dias que correm, Rosenberg é praticamente desconhecido fora dos círculos de extrema-direita, tendo pouquíssimos estudos dedicados a seu pensamento filosófico.

As credenciais nazistas de Rosenberg são indiscutíveis.²⁸ O autor nasceu em 1893, em Reval, cidade da Liga Hanseática que pertencia, no período, ao Império Russo. Filho de “alemães étnicos” (em uma família de mercadores e artesãos), sentiu-se atingido pelas pretensões do czar de fortalecer a cariz eslava de seus territórios. Estudou arquitetura em Riga e engenharia em Moscou, doutorando-se em 1917. Opôs-se à Revolução Comunista, e, temendo o destino da Rússia, decidiu mudar-se para a Alemanha. Atuou como pintor em Munique, enfrentando inúmeros problemas financeiros. Em 1919, Rosenberg tornou-se amigo de Dietrich Eckart, conhecido como mentor de Hitler.²⁹ Eckart introduziu-o na atividade política e nos meios antisemitas alemães.³⁰ Graças a Eckart, Rosenberg fez-se o

²⁷ V. ROSENBERG, Alfred. *El mito del siglo 20: una valoración de las luchas anímico-espirituales de las formas en nuestro tiempo*. Madrid: Ediciones Wotan, 1992.

²⁸ Os dados biográficos de Rosenberg que reproduzimos aqui foram recolhidos, majoritariamente, de WHISKER, James B. *The philosophy of Alfred Rosenberg: origins of the national socialist myth*. Costa Mesa: The Noontide Press, 1990. Pinçamos informações adicionais das demais obras, de e sobre Rosenberg, citadas ao longo desta seção.

²⁹ Reza a lenda que, em seu leito de morte, Eckart teria dito: “Sigam Hitler! Ele dançará, mas fui eu que invoquei a música!”. Eckhart conheceu Hitler em 1919, em uma reunião do Partido dos Trabalhadores Alemães na Cervejaria Sternecker. Teria estimulado o artista frustrado, ex-combatente na Primeira Grande Guerra, a ingressar na política, oferecendo-lhe suporte logístico e financeiro.

³⁰ Em suas memórias, o autor explica sua decisão de ingressar na vida pública: “Dessa forma, vim para o Reich. Originalmente um homem completamente dedicado à arte, filosofia e história, que nunca sonhou em se envolver com a política. Mas eu tinha visto o presente, e isso também seria história em algum momento. Eu havia observado muitas forças avançando e, na Rússia, assisti ao curso de uma revolução que, em minha opinião, representava um perigo terrível para a Alemanha se, além de toda essa tremenda tristeza, ela atingisse a delicada estrutura de sua indústria, comércio e população. Então a vida me puxou, e eu segui. Eu me vi em meio ao jogo de forças com todos os seus aspectos confusos. Esta foi minha jornada para a Alemanha no

redator do jornal de extrema-direita *Völkischer Beobachter*, no qual publicou numerosos artigos. Embora seu relacionamento com Hitler fosse atravessado por desconfianças mútuas, Rosenberg jamais encontrou obstáculos para conquistar espaço dentro do movimento. Ao ser preso em 1923, Hitler incumbiu Rosenberg de liderar interinamente o partido. Em 1930, o intelectual tornou-se membro do *Reichstag*. Por ser um dos poucos componentes do estado-maior que conhecia com profundidade a Rússia, foi, durante a Segunda Guerra Mundial, indicado como Ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste. Além disso, responsabilizou-se por dirigir o saque às propriedades artísticas da comunidade judaica. Tais circunstâncias explicam a razão de Rosenberg figurar entre os vinte e um nazistas presos em Nuremberg – em território soviético, promoveu ações de execução em massa, tendo sido um dos principais culpados pela “guerra de extermínio”. Condenado pelo Tribunal Militar Internacional, o autor foi enforcado em 1946.

Contudo, não foram seus feitos políticos ou militares que lhe conferiram fama. Escritor prolífico, Rosenberg era conhecido, dentro do Partido Nacional-Socialista, como “o filósofo”, e, à medida que o nazismo se robustecia, começou a ser encarado como o ideólogo oficial do movimento. Com efeito, na década de 1930, receberá os títulos de Plenipotenciário para a Supervisão do Treinamento Ideológico do Partido Nazista e de Líder do Reich para a Escolarização Intelectual Total. Nessa condição se ocupará da formação de todo o povo alemão, e, em especial, das forças armadas. É incontestável, pois, a proeminência da filosofia de Rosenberg dentro do imaginário nazista. Como Tom Rockmore acentua, o nazismo representou uma “coleção amorfa de doutrinas, que nunca assumiu uma configuração canônica”.³¹ Todavia, na polifonia de vozes que procuravam sintetizar e canalizar o movimento, o discurso filosófico de Rosenberg ocupava *locus* especial. Já na década de 1920, as carteiras de filiados do Partido Nacional-Socialista continham uma lista de leituras recomendadas, na qual nada menos que seis livros de Rosenberg estavam incluídos. Ao ser nomeado chanceler, Hitler fez d’*O mito do século XX* referência obrigatória para todos os estudantes alemães. Logo, embora não possa ser interpretada como a única transcrição filosófica possível do ideário nazista, a teoria de Rosenberg direciona-nos acerca das preocupações capitais da *intelligentsia* do Reich.

sombrio novembro de 1918”. ROSENBERG, Alfred. *Memoirs of Alfred Rosenberg*, with commentaries by Serge Lang and Ernst von Schenck. Chicago: Ziff-Davis Publishing Company, 1949, p. 12 e 13.

³¹ ROCKMORE, Tom. *On Heidegger’s Nazism and Philosophy*. Berkeley: University of California Press, 1992, p. 9.

3.2 As influências de Gobineau e Chamberlain sobre *O mito do século XX*

Rosenberg compôs diversas obras: *Traços do judeu através das eras; Imoralidade no Talmude; Sionismo como um inimigo do Estado; Sangue e honra; Combate para uma Renascença alemã* etc. Além disso, entre 1934 e 1944, redigiu um diário pessoal, que só se tornou público em 2013.³² Mas é n' *O mito do século XX* que encontramos condensada sua visão sobre o destino nacional da Alemanha. *O mito* é um estudo da história do ponto de vista racial. Rosenberg foi um dos mais efusivos proponentes da segregação racial na Alemanha, atuando indiretamente na inclusão de cláusulas antisemitas no programa do Partido Nacional-Socialista de 1920. Durante o Reich, será um dos artífices da “solução final” à “questão judaica”. N' *O mito*, conclama os arianos à “revolução mundial racial”, ao “despertar da alma racial”. O filósofo reivindica, como fontes de inspiração de seu projeto, Martinho Lutero, Immanuel Kant, Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Schiller, Richard Wagner, Friedrich Nietzsche, Paul de Lagarde, Oswald Spengler³³ e Houston Stewart Chamberlain (muitos desses autores, associados à tradição filosófica do romantismo). Mantém-se, todavia, silente sobre outro autor indispensável à edificação de sua “ciência anímico-racial” (condição de possibilidade para o “renascimento nórdico-alemão”): o conde Joseph Arthur de Gobineau, pai do moderno racismo científico.³⁴

Em seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (editado pela primeira vez em 1853), Gobineau desenvolve uma investigação sobre a decadência das civilizações. Após aventar várias hipóteses, conclui que a degeneração dos povos se deve à miscigenação, a adulterações na qualidade de seu sangue (e de suas virtudes) por meio da introdução de

³² Trata-se de uma fonte historiográfica inestimável, visto que, dentro do alto escalão do Reich, apenas Rosenberg e Goebbels mantiveram diários. V. MATTHÄUS, Jürgen; BAJOHR, Frank. *The political diary of Alfred Rosenberg and the onset of the Holocaust*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015. Sobre o itinerário dos diários de Rosenberg – dados como perdidos durante décadas – até a publicação, cf. WITTMAN, Robert K; KINNEY, David. *O diário do diabo: os segredos de Alfred Rosenberg, o maior intelectual do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

³³ Entretanto, em artigo publicado no *Der Weltkampf* em maio de 1925, Rosenberg dirigiu críticas a Spengler, que, a seu juízo, não foi capaz de admitir a centralidade da questão racial no problema da decadência do Ocidente. Uma tradução do texto de Rosenberg para o inglês, elaborada por Hadding Scott em 2011, encontra-se disponível no endereço eletrônico <<https://archive.org/stream/AlfredRosenbergsCriticismOfOswaldSpengler/RosenbergCriticismOfSpengler#page/n0/mode/2up>>, acessado em 27 de novembro de 2017.

³⁴ Pierre Grosclaude sugere que a não inclusão de Gobineau, por parte de Rosenberg, no rol de autores que o teriam influenciado se deve à nacionalidade francesa do conde, que destoaria no cânone eminentemente teutônico conjurado pelo filósofo nazista. GROSCLAUDE, Pierre. *Alfred Rosenberg et Le mythe du XXme siècle*. Paris: Editions Fernand Sorlot, 1938. Há, é claro, toda uma trajetória até a cumeada do Racismo Científico. Para essa discussão Cf. MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014; CHAGAS, Dante Alexandre Ribeiro das. *Um emblema negro no consciente Europeu: O Não Lugar da África e a construção de Inferioridade do negro entre o Iluminismo e o Idealismo Alemão*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

elementos heterogêneos, que comprometeriam sua unidade originária.³⁵ Opondo-se ao “dogma liberal da fraternidade humana”, Gobineau advoga que cada raça possui “personalidade” própria, sendo, pois, possível mensurar a vitalidade das nações a partir das “diferenças reais no valor relativo das raças humanas”.³⁶ Haveria raças fortes e fracas, e o universalismo propugnado pela Igreja, imbuído de “ideais semíticos”, representaria um impasse para o progresso da cultura ocidental branca.³⁷ As ideias de Gobineau foram largamente disseminadas, dentro e fora da Europa, constituindo-se em matriz de quase todas as propostas de darwinismo social do século XIX.³⁸ O jargão de Gobineau rapidamente difundiu-se entre os autores, no fim do século XIX e no início do século XX, comprometidos com o racismo científico. Desse modo, a influência do conde sobre o trabalho de Rosenberg será direta e indireta (apesar do repúdio do filósofo alemão ao “cientificismo” da Modernidade). As concepções de Gobineau chegaram a Rosenberg não apenas através da leitura do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, mas, também, por meio do diálogo com outros teóricos racistas nele inspirados – em especial Chamberlain, cuja obra servirá de paradigma para a formulação d’*O mito*.

Chamberlain era o líder do Círculo de Bayreuth, quando Rosenberg nele adentrou. Tratava-se de um grupo de discussão fundado por Richard Wagner (cuja filha casara-se com Chamberlain), que editava, periodicamente, o *Bayreuth Bulletin*, com o fito de disseminar o racismo científico e o antissemitismo. O mais importante dentre os escritos de Chamberlain é, indubitavelmente, *Os fundamentos do século XIX*, obra em dois volumes que pretendia estimular o despertar dos povos teutônicos para a consciência de sua vocação como fundadores de uma civilização completamente nova.³⁹ O primeiro volume constitui-se em uma narrativa sobre os dezoito primeiros séculos da era cristã; o segundo, um retrato do século XIX. Ora, Rosenberg idealizou *O mito do século XX* como uma continuação d’*Os*

³⁵ GOBINEAU, Arthur de. *The inequality of human races*. Trad. Adrian Collins. London: William Heinemann, 1915, p. 25.

³⁶ *Ibidem*, p. 35.

³⁷ “Então, passando de uma indução a outra, fui gradualmente penetrado pela convicção de que a questão racial ofusca todos os outros problemas da história, que ela contém a chave de todos eles, e que a desigualdade das raças de cuja fusão se forma um povo é suficiente para explicar todo o curso de seu destino”. *Ibidem*, p. xiv.

³⁸ V. PETRUCCELLI, José Luís. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 7, dezembro de 1996, p. 134-149. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/sete/petruc7.htm>>, acessado em 29 de novembro de 2017.

³⁹ CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *The foundations of the Nineteenth Century*. Trad. John Lees. London; New York: John Lane Company, 1911, 2 vol.

fundamentos do século XIX: as relações intertextuais entre os dois livros saltam aos olhos.⁴⁰ Em suas memórias, o filósofo afirma: “Uma certa atitude herética cresceu em mim muito cedo, particularmente durante as lições de confirmação. Mas ela recebeu seu maior impulso, como foi o caso com tantos outros, dos *Fundamentos do século XIX* de Houston Stewart Chamberlain”.⁴¹ Durante a juventude, Chamberlain viveu em diversas cidades europeias, como Versalhes, Genebra e Dresden,⁴² lugares onde teve a oportunidade de estudar botânica, geologia, astronomia, anatomia e fisiologia humanas. Esse arcabouço teórico, pautado nas ciências naturais, permitirá a Chamberlain estruturar suas concepções eugênicas. Segundo o autor, o século XIX conquistou provas suficientes de que existem características que distinguem as raças umas das outras, derrubando a crença (mera “convicção pessoal, sem fundamentação material”) na unidade da raça humana. Sua narrativa visa demonstrar que não existe “progresso geral da humanidade”: todas as grandes conquistas da civilização, desde o século XIII (ponto de inflexão da história europeia, no entender de Chamberlain), foram vitórias de uma raça específica, a teutônica. O autor insurge-se, pois, contra o “mito de um império mundial transnacional”, que, a seu juízo, seria difundido pelas correntes liberais de nosso tempo, um reflexo do imperialismo econômico dos povos semíticos.

É em Gobineau e Chamberlain que Rosenberg irá buscar inspiração para seu projeto de “limpeza biológica mundial revolucionária”. Porém, “*sacerdote* intelectual da ‘raça superior’” (como o descreveu, certa feita, Robert H. Jackson, o principal promotor dos Estados Unidos no Tribunal de Nuremberg), Rosenberg substituirá as referências às ciências naturais por argumentos místicos e teológicos, vendo em sua obra o ponto de partida para a revitalização religiosa da Nova Alemanha, na edificação de um neo-paganismo nórdico. Como Voegelin bem salienta, o nazismo constitui-se numa “religião política”. Com o “desencantamento do mundo” decorrente da modernização, assistimos à transposição, para a gramática secular, de categorias originariamente religiosas. Sem a remissão ao *Absoluto transcendente*, o Ocidente começou a *absolutizar* objetos imanentes, intramundanos. O

⁴⁰ Como descreve Whisker: “Alfred Rosenberg planned *The Myth of the Twentieth Century* as a sequel and as a tribute to his intellectual mentor, Stewart Houston Chamberlain. Houston Chamberlain was overjoyed at the prospects of a sequel being published to his *Foundations of the Nineteenth Century*. He regarded Rosenberg’s *Myth of the Twentieth Century* as the continuation of his work. Reportedly, when he first read *The Myth of the Twentieth Century* tears of happiness flowed from his eyes. By the time Rosenberg had completed the *Myth* Chamberlain was an old man confined to a wheelchair”. WHISKER, *The philosophy of Alfred Rosenberg, cit.*, p. 190 e 191.

⁴¹ Tradução nossa para: “A certain heretical attitude grew up in me quite early, particularly during the confirmation lessons. But it received its strongest impetus, as was the case with so many others, from Houston Stewart Chamberlain’s *Foundations of the 19th century*”. ROSENBERG, *Memoirs, cit.*, p. 36.

⁴² O autor afirma que, em Dresden, foi seduzido pela música e pela filosofia de Wagner.

político e o social, por vezes, investem-se de aura “sagrada”. As “ideologias”, nesse sentido, assumem o espaço dantes ocupado pela teologia.⁴³ Nesse sentido, o que Rosenberg nos apresenta é um culto secularizado, cuja divindade é a *raça*.

O mito pugna pela criação de um novo tipo humano. No mundo moderno, a comunidade orgânica, que se sustenta na raça e na espécie, foi suplantada por instintos nômades, de pura razão e intelecto, desprovidos de substância. Para Rosenberg, tanto o marxismo quanto o capitalismo financeiro seriam frutos desse “desenraizamento”, “plantas estranhas sírio-judias” que deturpariam o laço do homem nórdico com a terra.⁴⁴ Rosenberg encontra, na distinção romântica entre “civilização” e “cultura”, uma base para sua reflexão.⁴⁵ No século XVII, a França representou, para muitos, o paradigma do “processo civilizador”, em virtude do avanço de sua tecnociência, da sofisticação de seu aparelho burocrático etc. Ela seria o exemplo máximo de uma sociedade instruída, referencial para todos os povos. Os territórios germânicos, em contrapartida, se constituiriam no domínio dos “godos”, bárbaros “subdesenvolvidos”. O romantismo alemão se opõe a tal perspectiva, indicando que o progresso material (grandes centros urbanos, sistema econômico complexo e estratificado etc.) não se faz acompanhar, necessariamente, pela evolução espiritual (artística, religiosa, filosófica).⁴⁶ O homem “civilizado” francês, embora erudito, seria, na leitura dos românticos alemães, artificial, frio e sem alma, enquanto que o homem nórdico, ainda que com menor bagagem literária e artística, seria “culto”, quer dizer, capaz de “cultivar” seu espírito, disciplinando-o.⁴⁷ Apropriando-se desse esquema, *O mito* identifica

⁴³ V. VOEGELIN, Eric. *As religiões políticas*. Trad. Teresa Marques da Silva. Lisboa: Vega Limitada, 2002. Essa visão gnóstica de imperfeição do mundo levaria a uma desmedida busca por uma correção da realidade, a transformação do paraíso ideal em realidade. V. BARRETO, André Assi. O problema das religiões políticas no pensamento de Eric Voegelin. In: MACEDO, Cecília...et al. (org.). *Ética, Política, Religião e Filosofia Oriental*. São Paulo: ANPOF, 2019, p. 71. V. também POLANYI, Karl. The essence of fascism. In: LEWIS, John; POLANYI, Karl; KITCHIN, Donald K. (orgs.). *Christianity and the Social Revolution*. Nova Iorque: Ayer Co. Pub., 1935, p. 359-94.

⁴⁴ ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 12.

⁴⁵ Para uma discussão sobre a relação entre romantismo e nazismo V. KRAUSZ, Luis Sérgio. Consciência e inconsciência do nazismo. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 15, p. 190-196, 2010.

⁴⁶ O romantismo inspirou uma plêiade de intelectuais anti-modernos, que, insuflados por um espírito nacionalista e avesso à razão, propõem uma “revolução conservadora”. Suas denúncias morais ao Ocidente contemporâneo ancoram-se numa versão mitificada e nostálgica da sociedade medieval, e concentram suas críticas, em especial, aos direitos humanos.

⁴⁷ Uma didática exposição sobre o desenvolvimento dos conceitos de “civilização” e “cultura” pode ser encontrada em HORTA, José Luiz Borges; RAMOS, Marcelo Maciel. Entre as veredas da cultura e da civilização. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, ano 58, n. 233, jul./dez. 2009, p. 235-264. Vale a pena recorrer, ainda, a ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v. 1: Uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Sobre a tensão entre franceses e “godos” na gênese do romantismo alemão, V. PALLARDÓ, F. Garrido. *Los orígenes del romanticismo*. Barcelona: Editorial Labor, 1968, p. 13 a 18. Um exemplo sublime da operacionalização, pelo romantismo, do conceito de “cultura” como forma de combater as pretensões universalizantes do modelo artístico e intelectual francês pode ser encontrada

a Modernidade ao triunfo da civilização sobre a cultura. O “asfalto das metrópoles” (as construções intelectuais absolutas da sociedade urbanizada) se imporia sobre o campo (e sobre as virtudes mais autênticas do homem teutônico, que florescem em meio rural).⁴⁸

3.3. Atlântida boreal: o embate entre o nórdico e o asiático na história da humanidade

Para Rosenberg, o homem moderno, nos centros urbanos, distancia-se de suas origens – e de sua raça. Entregue à “profanação racial” e à “bastardização espiritual”, passa a acreditar que pertence a uma “humanidade indiferenciada”: o cosmopolitismo das grandes metrópoles não é capaz de gerar nada mais que uma pseudo-cultura universalista-abstrata,⁴⁹ um “niilismo que renega por completo o orgânico”,⁵⁰ e que, por conseguinte, não consegue de fato aplacar no indivíduo sua sede de pertencimento.⁵¹ O resultado é uma sensação permanente de alienação e deslocamento. Os valores primaciais da Europa pós-revolucionária – “liberdade, igualdade, fraternidade” – são apenas sustentáculo retórico do comércio internacional e do imperialismo liberal econômico, mas, em seu “unitarismo espiritual”, não mobilizam efetivamente os homens em torno de um projeto consistente de vida comum. Rosenberg condena o sonho da “humanização da humanidade”, que, a seu juízo, seria apenas “desejo do asiatismo”, decorrente da “invasão do pro-asiatismo mercantil-defraudador”, a ilusão antiariana de que seria possível, através da mescla dos povos, erigir uma monarquia mundial. Nas palavras do autor: “A humanidade, a Igreja universal e o Eu autocrático, desvinculado dos laços de sangue, já não constituem para nós valores absolutos,

em HERDER, Johann Gottfried von. *Shakespeare*. Trad. Gregory Moore. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.

⁴⁸ Na lição de Whisker: “Rosenberg loved medieval pageants and costumes and anything he could associate with the German folk-spirit. He disliked cities and preferred a rural peasantry to an urban population. He believed that country living was healthier and produced strong soldiers”. WHISKER, *The philosophy of Alfred Rosenberg*, cit., p. 3.

⁴⁹ É interessante notar como essa crítica ao cosmopolitismo tem já no Idealismo lugar fulcral. Hegel, por exemplo, vê na Ilustração a criação de um cosmopolitismo abstrato que não dá conta da pluralidade, porquanto bane e elimina a “especulação das coisas humanas e divinas”, sendo incapaz de entender o sentimento, a temporalidade e o impulso como “formas da realização do interior”, de modo a atingir uma “universalidade abstrata” que “não basta ao espírito vivo, à alma concreta”. V. HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 362-363.

⁵⁰ ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 31.

⁵¹ Nos seguintes termos Whisker reproduz a crítica de Rosenberg ao cosmopolitismo: “Apostles of miscegenation suggested that the racial values of different people should be altered. All cultures should be homogenized. Values would be universal, meaning that the unique supreme values of Nordic nations would be challenged and disappear. This would leave only a corrupted love with which Nordic man would be at odds. His values would be inundated in the sea of race mixing”. WHISKER, *The philosophy of Alfred Rosenberg*, cit., p. 113.

mas sim dogmas de violação da natureza, desprovidos de polaridade e a favor das abstrações”.⁵² No entender do filósofo, o nórdico precisa religar-se a sua própria essência, desconstruindo a fantasia da cidade mundial (“destruidora de raças”).⁵³

Rosenberg, no encalço de Gobineau e Chamberlain, defende que haveria cinco raças originárias. Cada uma delas teria virtudes específicas, ameaçadas pela miscigenação.⁵⁴ Daí a necessidade de expurgar, da cultura alemã, “filosofias alienígenas” de outros povos: “[...] o estranho deve ser imperturbavelmente segregado e, se necessário, vencido. Não porque seja ‘falso’ ou ‘mal’ em si, mas sim porque é especificamente estranho e destrói a estrutura interna do nosso ser”.⁵⁵ Rosenberg explora a “hipótese fecunda” de que teria havido um centro de civilização pré-histórica no polo norte:⁵⁶ recuperando lendas relativas a Atlântida – também conhecida como Hiperbórea ou Última Thule –, o filósofo propõe que o povo que originou as línguas indo-europeias teria partido, não do Irã, mas de uma sociedade nórdica desenvolvida.⁵⁷ Essa “Atlântica Boreal” já figurava, antes da ascensão de Hitler, nos devaneios de comunidades ocultistas germânicas. É conhecido o entusiasmo das elites do Terceiro Reich por doutrinas ocultistas – Himmler, por exemplo, perseguiu por anos

⁵² ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 12: “La humanidad, la iglesia universal y el Yo autocrático, desatado de los nexos sanguíneos, ya no constituyen para nosotros valores absolutos, sino dogmas de una violación de la naturaleza, carente de polaridad y a favor de abstracciones”.

⁵³ Para Rosenberg – que teria sido o homem a apresentar a Hitler o Protocolo dos Sábios de Sião, documento forjado para acusar os sionistas de conspirarem visando à dominação mundial – os judeus internacionais são os maiores culpados pela disseminação do mito cosmopolita. Infiltrados nos extremos do espectro ideológico – atuando seja como banqueiros, seja como bolcheviques –, os judeus se dedicariam, desde priscas eras, a dissolver as raças em um grande e uniforme caldo. Os judeus seriam, nesse sentido, a anti-raça.

⁵⁴ “Cada raza desarrolla en último término solamente un ideal máximo. Si éste es transformado o hasta destronado por otros sistemas de selección (Zuchtsysteme), por infiltración preponderante de sangre extraña e ideas extrañas, la consecuencia de este cambio interior está caracterizada exteriormente por un caos, por épocas de catástrofes”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 44. Ao fim da vida, o filósofo reafirmará sua fé nesse princípio: “I have explained in many speeches that the veneration of Germanic blood does not imply contempt for other races but, on the contrary, racial respect. Since races, as the core of nations, are created by nature, the very respect for nature itself demands respect for such creations. The purpose of the large-scale development of peoples is the juridical recognition of racially conditioned families of people in their own homelands. Style, customs, language, are the manifestation of different souls and peoples; and just as these cannot be mixed without a resultant deterioration of their purity, so men, as their embodiment, and to whom they belong organically and spiritually, cannot intermingle. These concepts met with world-wide opposition on the part of those who, perhaps originally influenced by the generous humanitarianism of the 18th century, simply did not have the courage to face the new discoveries, or feared that any corrective measure might affect their economic status. The great questions concerning the fate of the both century could not be discussed calmly and deliberately because one problem barred the view – that of Jewry”. ROSENBERG, *Memoirs*, cit., p. 43.

⁵⁵ ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 45: “[...] lo extraño debe ser imperturbablemente segregado y, de ser necesario, vencido. No porque sea ‘falso’ o ‘malo’ en sí, sino porque es específicamente extraño y destruye la estructura interna de nuestro ser”.

⁵⁶ GROSCLAUDE, *Alfred Rosenberg et Le mythe du XXme siècle*, cit., p. 19.

⁵⁷ Para uma introdução às lendas relativas ao polo norte, v. TRUITT, E. R. *Fantasy North*. Aeon, 15 de fevereiro de 2016. Disponível em <<https://aeon.co/essays/what-lies-beneath-the-ice-of-our-fascination-with-the-north>>, acessado em 13 de junho de 2016.

a lenda arturiana. Membros destacados do Partido Nacional-Socialista (incluindo Rosenberg) participaram da Sociedade Thule,⁵⁸ ordem esotérica fundada na Bavária em 1918, e que deve seu nome, precisamente, às narrativas associadas ao País dos Hiperbóreos (isto é, daqueles que se situam “acima do bóreas”, do vento norte).⁵⁹ O fascínio de nazistas proeminentes pela magia e pelo misticismo – muitos consultavam periodicamente mapas astrais e runas – serviria, por si só, para problematizar a tese segundo a qual o totalitarismo é produto do “racionalismo” ocidental. Rosenberg vê em seu trabalho, não o coroamento da especulação filosófica originada em Platão, mas a sua derrocada, em direção a valores por ela obnubilados.

Rosenberg não crê na “internacionalidade da arte e da ciência”; para ele, não há arte ou ciência *em si*, mas tão-só arte e ciência *nórdicas*. Dessa maneira, muitas imagens, lendas, costumes etc. vistos como “civilizados” e adotados pelas mais diversas nações do planeta seriam, em realidade, conquistas nórdicas. O filósofo acredita que a “besta loura” (para falar como Nietzsche) irradiou-se, tal como o sol, por todos os cantos do planeta – partindo do polo norte, a Atlântida Boreal. O nórdico é, para Rosenberg, caracterizado por seu “espírito de superação”: trata-se de uma nação de investigadores e descobridores, permanentemente compelidos a rumar em direção ao desconhecido. Assim travaram contato com outras raças, menos evoluídas, e as ensinaram a técnica e a linguagem. Haveria, desse modo, recordações ário-atlântidas em todas as *culturas* do globo: foi o empreendimento colonizador do povo do norte que, na pré-história, conferiu o “rosto espiritual do mundo”.⁶⁰ Essa “onda humana atlântico-nórdica”, que elevou as raças inferiores, rebaixou, no entanto, os arianos, que se viram corrompidos pela miscigenação.⁶¹ O sentido da história mundial, portanto, não estaria em uma suposta “evolução geral da humanidade”, mas na narrativa da colonização da Terra pelos ário-atlânticos.⁶²

⁵⁸ Foi Dietrich Eckart quem introduziu Rosenberg na Sociedade Thule.

⁵⁹ Há vasta bibliografia acerca das relações entre o nazismo e o ocultismo. Especificamente no que diz respeito à Sociedade Thule (e suas intrincadas associações com outras ordens esotéricas), v. LUHRSSSEN, David. *Hammer of the gods: the Thule Society and the birth of Nazism*. Washington: Potomac Books, 2012.

⁶⁰ ROSENBERG, *El mito Del siglo 20*, cit., p. 14.

⁶¹ Há reverberações dessas ideias no filme *O eterno judeu*, propaganda anti-semita produzida na Alemanha em 1940. A película retrata os judeus como a raça parasitária por excelência – equivalente aos ratos –, que põe em risco a saúde da raça ariana. Explorando a analogia, o quadrinista Art Spiegelman contará, em *graphic novel* que lhe rendeu o Pulitzer em 1992, a trajetória de seus pais, sobreviventes de um campo de concentração – representando os judeus como ratos, os alemães como gatos, e os poloneses como porcos. V. SPIEGELMAN, *Art. Maus: a survivor's tale*. London: Penguin Books, 2003. 2 vol.

⁶² “Y por tal razón la vieja y ridicularizada hipótesis alcanza hoy día probabilidad, que partiendo de un centro nórdico hundido – la Atlántis – hayan emigrado antaño en forma radiada enjambres guerreros, constituyendo los primeros testigos de esa ansia nórdica de lejanía que siempre de nuevo se materializa para conquistar, para estructurar. Y estas corrientes de humanos atlántidos se trasladaron por mar en sus barcos en forma de cisne o

Nas trajetórias político-culturais da Antiguidade e do Medievo Rosenberg encontra indícios de uma “luta dramática de almas raciais inimigas”.⁶³ Conforme o filósofo, a situação da Grécia clássica é emblemática. Revisitando a intuição nietzschiana relativa aos princípios apolíneo e dionisíaco,⁶⁴ o intelectual verá, neles, a representação mítica do conflito, travado na Hélade, entre o lado espiritual-volitivo do sangue nórdico-grego e a manifestação dos grupos raciais não-nórdicos pro-asiáticos. N’*O mito*, o nórdico surge como o patriarcal, o diurno, o apolíneo, enquanto que o asiático seria o matriarcal, o noturno, o telúrico.⁶⁵ Nas lendas sobre os embates entre os “deuses homéricos” e as “forças ctônicas”, Rosenberg rastreia um desenho inconsciente da batalha entre dois instintos raciais contrapostos, em choque devido à miscigenação. O autor argumenta que o declínio da cultura helênica começou com a permissão do casamento entre patrícios (nórdicos) e plebeus (asiáticos). A democracia de Péricles, para muitos o maior legado da Grécia, é definida n’*O mito* como um “pântano moral”, “corruptor das raças”. Nesse cenário nascerá a filosofia, contaminada, desde o berço, por impulsos dionisíacos, ou seja, asiáticos. À diferença de outros intelectuais conservadores do período, Rosenberg mostra-se avesso a filosofias orientais, não encontrando, nelas, elementos capazes de “regenerar” o Ocidente. Os filósofos, com suas aspirações universalistas, contribuiriam para minar as especificidades da raça ariana. A filosofia surge na Ásia Menor, e é importada para Atenas por homens como Sócrates, que, na visão de Rosenberg, pertenceriam a uma raça distinta, não-grega. Para Rosenberg, Sócrates erra ao acreditar que a virtude é *ensinável a todos* – partiria de uma cosmovisão “intelectualóide”, “individualista” e “a-racial”. Sócrates teria sido o “social-democrata internacional da época”.⁶⁶ De Sócrates a Hegel (passando por Platão, Aristóteles, Agostinho etc.), o itinerário da filosofia tradicional seria, para Rosenberg, a progressiva conversão do

de dragón hasta dentro del Mediterráneo, hasta África, por tierra a través del Asia Central hasta Kutscha, y quizás también hasta China; a través de Norteamérica hasta el sud de esse continente”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 13.

⁶³ *Ibidem*, p. 25.

⁶⁴ Expressa no clássico NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

⁶⁵ “A nivel de la ‘visión de la naturaleza’ todos los dioses de la familia de pueblos indogermánicos son dioses del cielo, de la luz, del día. El Varuna, indio, el Uranus griego, el padre de los dioses Zeus y el dios del cielo Odín, el Surya (el ‘Radiante’) de los indios, Apolo-Helio y Ahura Mazda, todos ellos pertenecen a la misma esencia en el mismo escalón específico de desarrollo. Con esta religión de la luz se enfrenta a los distintos grupos raciales de orientación quetónica-matriarcal, el principio paternal”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 51.

⁶⁶ “La idea de una ‘comunidad de los buenos’ trajo una nueva clasificación de los seres humanos. No según razas y pueblos, sino en tanto seres individuales. Sócrates fue, por consiguiente, después del derrumbe de la democracia racial ateniense, el socialdemócrata internacional de aquel entonces. [...] Tal como el dogma judío se extendió sobre la religión, así también el método ‘científico’ socrático contrario a la vida, sobre Europa. Aristóteles fue su proclamador esquemático, Hegel su último gran discípulo”. *Ibidem*, p. 103.

Estado em um “ídolo autônomo”, “instrumento inanimado de poder”, “aparato mecânico separado”, desligado do “corpo orgânico do povo”:⁶⁷ Os filósofos patrocinarão o fetiche da construção de uma comunidade política capaz de acolher qualquer indivíduo, independentemente de sua raça. É por isso que Rosenberg cria uma filosofia antifilosófica, alicerçada, não no *logos* apodítico, mas no “mito do sangue”. Para Rosenberg, o esfacelamento da Hélade deve servir de alerta para a Alemanha contra os perigos da “mulatização do mundo”.

A Grécia teria transmitido o vírus do universalismo a Roma; esta, por sua vez, teria infectado o cristianismo, vetor que contagiou o restante do continente europeu. Retomando uma crítica comum, pelo menos, desde o século XIX, Rosenberg denuncia o caráter universalista e igualitário da religião cristã. O autor fala em uma teologia romano-etrusco-judaica ínsita na Igreja Católica.⁶⁸ Em seu entender, subjacente às “extravagâncias efeminadas” da mensagem cristã, existiria um ímpeto asiático de dominação, voltado a mergulhar todo o mundo no “caos de povos”. Para Rosenberg, o cristianismo (tal como a filosofia) apoia-se em uma “espiritualidade abstrata”, que recorre a valores absolutos para combater a diversidade cultural. O cristianismo é uma religião de mulatos, que, através de suas teorias artificiais, fabrica homens civilizados mas incultos, desvinculados de suas raízes (cidadãos do mundo).⁶⁹ Rosenberg rechaça o “dogma coercitivo do amor ilimitado e da igualdade de todo humano”: pretende substituir a humildade, a renúncia e a submissão cristãs pelas virtudes, tipicamente nórdicas, da honra, da dignidade, da autoafirmação e do orgulho.⁷⁰ O filósofo denuncia a intolerância do Ocidente cristão, com sua sanha

⁶⁷ ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 185.

⁶⁸ Rejeitando o cosmopolitismo da Igreja Católica medieval, o filósofo aproxima-se de heresias como a dos gnósticos, dos valdenses e dos cátaros. Para Rosenberg, Paulo foi apenas um “fariseu indômito”, um “grande conspirador”, que se aproveitou do cristianismo para pregar a “revolução mundial internacional contra o Império Romano”, dando novo fôlego à “revolta nacional judia”. Logo, o Papado seria a Rameira Babilônica pró-asiática, o veículo de corrupção judaica da Cristandade, pronto a perseguir qualquer um que, como Lutero, tente revitalizar a religiosidade ariana. Para uma discussão sobre o conceito de gnose e suas derivações gnósticas contemporâneas Cf. SILVA, Carlos Henrique do Carmo. Gnose bendita: realização espiritual e suas contrafações recentes. *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 31:1 (2001) 89-123; e VELHO, Otávio. Ensaio herético sobre a atualidade da gnose. *Horizontes antropológicos*, v. 4, p. 34-52, 1998.

⁶⁹ “El permanente sentimiento de pecado es un fenómeno concomitante del bastardizaje físico. La ignominia racial genera caracteres polifacéticos, falta de orientación del pensar y del actuar, inseguridad interior, la sensación como si toda esta existencia fuera la ‘paga del pecado’ y no un cometido necesario misterioso de autoplasmación”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 29.

⁷⁰ Em oposição ao “estecicismo grecizante”, o autor reivindica o indomável sentimento de liberdade dos vikings, que teriam sido vítimas do sistema opressor greco-romano: “Aquí imperaban los instintos raciales originarios sin ninguna atadura ni disciplina, sin ser trabados por reflexiones educacionales de conveniencia o un orden jurídico determinado”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 57. Como explica Whisker: “Roman theology, like Rome of the Empire, and, indeed, all of Asiatic and similar cultures, had been built on the premise of the love for all peoples and the equality of all nations. Such an idea was repugnant to the Nordic

massificadora e totalizante: “A estrutura do sistema romano desde o primeiro dia foi, tanto organizacional quanto dogmáticamente, em princípio e conscientemente, intolerante e hostil a todos os outros sistemas, para não dizer cheia de ódio.”⁷¹ Platonismo para os pobres, o cristianismo mistifica a quimera filosófica da “humanização da humanidade”.

3.4 A crítica ao universalismo da filosofia n’*O mito do século XX*

As bandeiras pós-revolucionárias da dignidade humana e dos direitos do homem seriam, na leitura de Rosenberg, reflexos desse asiaticismo. A “doutrina do direito humano a-racial”, trabalhando para colocar diferentes culturas sob o jugo de uma concepção unívoca de “justiça”, é descrita, n’*O mito*, como um ato extremo de violência. Liberdade não significa sujeitar-se ao arbítrio, mas realizar os potenciais da própria raça: logo, seria cruel exigir que um negro e um branco se conformem às mesmas normas.⁷² Segundo Rosenberg, a meta de instituir um “ordenamento uniforme da humanidade” é apenas em um delírio “franco-judeu”.⁷³ Rosenberg enumera os “absurdos” que, de seu ponto de vista, teriam se imiscuído no pensamento jurídico nórdico devido à influência do universalismo humanista:

Graças à pregação do humanitarismo e à doutrina da igualdade dos seres humanos, todo judeu, negro e mulato, poderia se tornar um cidadão com plenos direitos de um Estado europeu; graças à preocupação humanitária pelo indivíduo, as instituições de luxo para pacientes incuráveis e dementes proliferam nos estados europeus; Graças ao humanitarismo, também o criminoso reincidente é valorizado como um ser humano infeliz, sem referência aos interesses de todo o povo, à primeira possibilidade que é liberada novamente na sociedade e não diminuída em sua capacidade de reprodução. Em nome do humanitarismo e da “liberdade do espírito”, jornalistas de baixa exigência e qualquer patife sem honra podem vender qualquer literatura de bordel; Graças ao humanitarismo, negros e judeus podem se casar dentro da raça nórdica, e até mesmo ocupar posições importantes.⁷⁴

ideals. German man could never accept the obvious limitation of race mixing and racial brotherhood”. WHISKER, *The philosophy of Alfred Rosenberg*, cit., p. 112.

⁷¹ “La estructura del sistema romano desde el primer día ha sido, tanto organizatoria como dogmáticamente, por principio y conscientemente, intolerante y adversa frente a todos los demás sistemas, para no decir llena de odio”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 59.

⁷² “En la actualidad otorgar a todos sin diferencias una ‘libertad’ exterior, significa entregarse al caos racial. Libertad significa sujeción a la especie, sólo ésta puede garantizar el despliegue más amplio posible. Pero la sujeción a la especie también exige la protección de esta especie”. *Ibidem*, p. 43.

⁷³ “Si aun hoy ‘juristas del derecho público’ predicán el ‘ideal de un ordenamiento uniforme de la humanidad’ prodigan su elogio a una visible Iglesia mundial única organizada, que debe determinar y reunir partiendo de un dogma único todas las ciencias, todo el arte, toda la ética, entonces esto es el precipitado de aquellos pensamientos del caos de pueblos que desde siempre envenenaron nuestro ser; especialmente cuando un investigador de esta clase aún agrega: ‘lo que Austria persigue, todo el mundo debe alcanzarlo en gran escala’”. *Ibidem*, p. 34.

⁷⁴ “Gracias a la prédica del humanitarismo y la doctrina de la igualdad de los seres humanos, todo judío, negro y mulato, pudo llegar a ser ciudadano con plenos derechos de un Estado europeo; gracias a la preocupación humanitaria por el individuo proliferan en los Estados europeos las instituciones de lujo para enfermos incurables y dementes; gracias al humanitarismo también el criminal reincidente es valorado como ser humano infeliz, sin referencia a los intereses de todo el pueblo, a la primera posibilidad es soltado nuevamente en la sociedad y no frenado en su capacidad de reproducción. En nombre del humanitarismo y de la ‘libertad del

A civilização ergue-se das ruínas da cultura: os direitos subjetivos abstratos (que tutelam personalidades jurídicas igualmente abstratas) são a negação da autêntica alma racial, a prole de uma racionalidade vazia, descarnada, inimiga do pluralismo. Rejeitando a lógica dos direitos humanos (focados em tutelar liberdades e garantias individuais), Rosenberg procura salvaguardar os direitos da raça.⁷⁵ É por isso que, contra a miscigenação, considera indispensável que o Estado apele a medidas como a proibição do casamento interracial, a privação do direito de cidadania, o desterro dos indesejáveis e a proscricção de criminosos. A grande missão do Estado seria preservar a nação e, por isso, salvaguardar o grupo racial a qual ela representa, ainda que seja a custo do extermínio ou migrações forçadas.⁷⁶ Rosenberg prega que, abandonando qualquer movimento pan-europeu, a Alemanha comece a lutar por “espaço vital”.⁷⁷ Sendo fundamental, à autorrealização da raça ariana, a conexão entre o sangue, a honra (espada) e o solo (arado),⁷⁸ seria necessário garantir uma área mínima (predominantemente rural) na qual os nórdicos possam crescer e se multiplicar livres das aglomerações da metrópole e dos vícios do cosmopolitismo. Afinal, para ele a história mundial, longe de ser uma evolução geral da humanidade, seria uma tentativa da raça nórdica de sobreviver à miscigenação imposta pela *raça semita parasitária*.

Como David Redles insinua, o nazismo é um movimento milenarista de massa.⁷⁹ Ante o caos social e os traumas pessoais que se abateram sobre os alemães com a Primeira

espíritu' se permite a los periodistas de baja ralea y a todo bribón sin honra, la venta de cualquier literatura de burdel; gracias al humanitarismo negros y judíos pueden contraer matrimonio dentro de la raza nórdica, y hasta desempeñar cargos importantes". *Ibidem*, p. 34.

⁷⁵ Sobre a ideia nacional-socialista de Direito, v. BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier (Org.). *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Editorial Dykinson, 2014.

⁷⁶ Um “racismo de Estado” que aplica o que Foucault chama de biopolítica a fim de garantir o “espaço vital” dos arianos, busca mecanismos genocidas e eugênicos que garantam que a raça oficial do Estado floresça e não se misture. Opera, nesse sentido, uma “censura biológica” (na expressão de Foucault), que busca salvaguardar a “raça pura”. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁷⁷ Aos arianos cabe, no mundo moderno, uma decisão definitiva acerca de seu destino enquanto raça – retornar à Atlântida ou desintegrar-se no cativoiro babilônico: “O bien nos elevamos mediante una nueva vivencia y la cría de perfeccionamento de la antiqúisima sangre, aparecida con una voluntad de lucha intensificada, hacia un rendimento purificador, o bien hasta los últimos valores germánico-occidentales de la cultura y la disciplina estatal se hunden en las súcias mareas humanas de las metrópolis, se atrofian sobre el asfalto ardiente y estéril de una a-humanidad bestializada, o se escurren como gérmenes patógenos bajo la forma de emigrantes que se bastardizan em Sudamérica, China, Indias Holandesas y África”. ROSENBERG, *El mito del siglo 20, cit.*, p. 33.

⁷⁸ V. *Ibidem*, p. 188.

⁷⁹ V. REDLES, David. *Hitler's millennial reich: apocalyptic belief and the search for salvation*. New York; London: New York University Press, 2005. Sobre os milenarismos modernos, recomendamos a leitura de BLOOM, Harold. *Presságios do milênio: anjos, sonhos e imortalidade*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

Guerra Mundial, começou a ser acalentada a ideia de que o mundo estaria às vésperas do apocalipse. A decadência cultural da República de Weimar, com suas mudanças rápidas e radicais, seria apenas o prenúncio de uma Nova Era, marcada pela perfeita ordem e sustentada em um novo sistema de valores e relacionamentos humanos. Temendo as ameaças de fragmentação da vida comunitária, os alemães esperam a regeneração completa da sociedade. À semelhança de um culto, o nazismo terá seu messias, seus profetas e seu povo escolhido, que querem, com medidas de *purificação* particular e pública, “forçar o fim”, quer dizer, antecipar o advento do Reino de Mil Anos de paz e prosperidade. Eis o motivo de, na visão de Whisker, *O mito do século XX* se articular como um “trabalho gnóstico”.⁸⁰ Não é de se estranhar que a obra tenha sido incluída pela Santa Sé no *Index* de livros proibidos. Não é na tradição filosófica, mas em antigas heresias religiosas, que Rosenberg colhe as referências para conceber seu projeto de uma Nova Alemanha. Hostil a qualquer metafísica (qualquer sistema teórico global), o filósofo alemão abraça o perspectivismo e a mística contra o que considera ser o imperialismo da razão “grega” (ou melhor, asiática).

O nazismo, tal qual todo fascismo, surge como uma espécie de Quarta Via diante do descrédito das ideologias existentes (conservadorismo, liberalismo e socialismo) após o horror experienciado na I Guerra. Uma matança traumática que põe em cheque qualquer ideia otimista de futuro, harmonia humana e do princípio de liberdade. O trauma e a insegurança do entreguerras e a incapacidade estatal de oferecer soluções públicas para garantir o espaço político que gerisse as insatisfações e garantisse a unidade e ordem cívica pareceu ser a atmosfera perfeita para os encantos fascistas de restauração da ordem.⁸¹ Embora o período da barbárie ocidental esteja imerso em sua brutalização das relações

⁸⁰ O gnosticismo constitui-se em uma heresia cristã que desponta já nos primeiros séculos da Era Comum, e persiste ao longo do Medievo. Numa interpretação platonizante das Sagradas Escrituras, o gnosticismo entende que o mundo material foi criado por uma entidade maléfica (ou, ao menos, ignorante), que aprisionou-nos - seres puramente espirituais, fragmentos de Deus - em corpos finitos. Os iniciados na seita gnóstica adquiririam conhecimento (*gnose*) necessário para que se libertassem das ilusões da realidade fenomênica, recordando-se de uma origem *divina*. O gnosticismo opera uma deificação do homem, e subverte a Doutrina da Salvação: não é a Graça, mas a Ascese, que leva-nos ao Reino dos Céus. Se somos todos fagulhas da chama divina, basta que nos reeduquemos, para que novamente tenhamos acesso ao mundo espiritual. Na contemporaneidade, muitos teóricos sugeriram que o Mito do Progresso e o culto à modernização constituem-se em tentativas de resgate do gnosticismo. Filósofos como Hans Jonas, Karl Löwith e Eric Voegelin se notabilizarão por propor que a retórica da “secularização” acobertaria uma fantasia gnóstica de divinização do humano. Nas ideologias “totalitárias” do século XX, essa fantasia encontraria seu apogeu. Para uma introdução ao gnosticismo, v. BLOOM, Harold, *Presságios do milênio: anjos, sonhos e imortalidade*. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. Para uma associação entre nazismo e *gnose*, v. VOEGELIN, Eric. *A nova ciência da política*. Trad. José Viegas Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

⁸¹ Para uma análise sobre as quedas das democracias na Europa e a ascensão fascista ao poder cf. BERMEO, Nancy. *Going Mad or Getting Mad? Cidadãos, escassez e o colapso da democracia na Europa de entre as guerras*. *Penélope*, 19-20 (1998): 11-42.

humanas e possa, sim, ser visto como um efeito ricochete ou bumerangue de toda desumanidade do Imperialismo e sua lógica no Longo Dezenove⁸², o nazismo é menos uma continuidade do pensamento intelectual de outrora do que uma apropriação de vários elementos já existentes na tradição do Ocidente.

Desse modo, uma análise honesta sobre os fascismos deve fugir do reducionismo neoliberal e pós-moderno e pensá-lo como uma dialética e constante tensão emocional entre irracionalismo e racionalismo, vitalismo e corporativismo, relativismo e universalismo, Alfred Rosenberg e Othmar Spann.⁸³ Como uma dupla-face de Jano, o indivíduo e até mesmo as civilizações possuem em si o herói e o anti-herói; o bem e o mal. Tratam-se de possibilidades latentes cujo despertar acontece de acordo com as condições sociais, psíquicas, temporais e espaciais que as provocam. O holocausto se valeu de meios totalmente racionais, tecnológicos, industriais e corporativistas para atingir um fim totalmente irracional. Aqui razão e irrazão misturam-se e de modo passional organiza-se racionalmente uma estrutura que possibilita que a máquina, outrora símbolo do avanço científico, fosse heróica ou anti-heroicamente utilizada para ceifar o maior número de vidas possíveis em um curto espaço de tempo.⁸⁴

Mobilizam-se paixões antigas e projetos nacionais para se criar uma identidade cujos elementos (raça, território, exército nacional, mobilização das massas, nacionalismo, teleologia etc.), fomentados por uma visão conspiratória e maniqueísta numa narrativa darwinista, não se diferenciam do que já havia sido construído anteriormente.⁸⁵ A grande

⁸² Embora partam de ponto de vistas e tradições opostas, Aimé Césaire e Hannah Arendt estabelecem uma relação entre imperialismo e holocausto, porquanto o Estado-Nação democrático liberal, para justificar a tomada de território e genocídio, animaliza, coisifica e desumaniza o outro, e como resultado acaba por desumanizar a si mesmo. Cf. CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978; ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ed. schwarcz S.A., 2013.

⁸³ Para uma análise da história das ideias do fascismo que escape das distorções apresentadas, recomendamos o excelente VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. *As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a “revolução conservadora” e o tradicionalismo*. *Plural*, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.

⁸⁴ BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

⁸⁵ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 51-99. Em uma síntese que parece acertada e atual, Paxton assevera que: “Também nesse sentido existe um vínculo mais plausível entre o fascismo e um conjunto de ‘paixões mobilizadores’ que plasmaram a ação fascista do que entre ele e uma filosofia explícita e plenamente consistente. No fundo, existe um nacionalismo apaixonado. Aliado a ele, há também uma visão conspiratória e maniqueísta da história como uma batalha entre os campos do bem e do mal, entre os puros e os corruptos, da qual a própria comunidade ou nação é sempre vítima. Nessa narrativa darwiniana, o povo eleito foi enfraquecido pelos partidos políticos, pelas classes sociais, pelas minorias inassimilável, pelos grupos que vivem de rendas, debilitados por uma vida excessivamente fácil, e pelos pensadores racionalistas, a quem faltava o necessário senso de comunidade. Essas ‘paixões mobilizadoras’ em geral dadas como certas e nem sempre discutidas explicitamente como proposições intelectuais, constituem-se na lava emocional que lançou as fundações do fascismo”. PAXTON, *A anatomia do fascismo*, cit., p. 78.

novidade (na Modernidade) é a aplicação de uma lógica de colonização, brutalização, racismo e genocídio não em outros continentes, mas no âmago da própria Europa com novos aparatos tecnológicos. Dessa forma, em que pese a continuidade da soberania do Estado colocada a serviço não da liberdade e pluralidade, mas da violência e desumanização, o que se tem no nazismo é a seleção de artifícios pretéritos já disponíveis para sustentar uma “nova” alternativa e não um natural e necessário laço com toda a tradição filosófica ocidental universalista e sistemática. De certo, o nazismo foi “mais visceral que cerebral”, como diria Robert Paxton. Resta-nos, então, a máxima defendida por Aimé Césaire de que não é pela cabeça que as civilizações apodrecem. É primeiro pelo coração.

4 Conclusão

Antecipando o jargão da filosofia pós-moderna, Rosenberg contrapõe a verdade absoluta (a-espacial, a-temporal, a-causal e a-racial) à verdade nacional (orgânica). Para o autor, a medida de nossos pensamentos não é a lógica abstrata, mas o *dasein*,⁸⁶ a alma popular ligada à raça.⁸⁷ O filósofo designa o universalismo da civilização ocidental como “tirania dos esquemas de inteligência”.⁸⁸ Em sua concepção, a vida de um povo deve ser explicada em termos de síntese mística, e, não, dentro de um sistema filosófico. Ela é anterior ao conhecimento formal e ao intelecto discursivo. A busca de uma verdade eterna, para Rosenberg, constitui-se em um erro, pois ignora que o saber se radica na raça e no mito religioso.⁸⁹ Essas observações mostram que, longe de apoiar-se no humanismo, a doutrina nazista de Rosenberg é antimodernista e relativista, recorrendo, ironicamente, a vocabulário muito semelhante ao daqueles que, no Pós-Guerra, rejeitarão o “logocentrismo” ocidental por associá-lo ao nazi-fascismo. Rosenberg não poderia figurar, ao lado de Popper e Kelsen, entre os que condenam o “totalitarismo epistemológico” da tradição filosófica, em sua obsessão por “valores absolutos”? Joaquim Carlos Salgado, inspirando-se em Hegel, define a filosofia como “esforço de *toda a humanidade* para chegar ao conhecimento de si mesma”. Ela seria a “vocação ou chamado do saber”, a “busca da explicação radical do real”.⁹⁰ É essa

⁸⁶ A leitura da obra não nos permite avaliar se o conceito de *dasein* chega a Rosenberg a partir de um diálogo com Heidegger, ou em virtude de referências anteriores.

⁸⁷ Cf. ROSENBERG, *El mito del siglo 20*, cit., p. 240.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 245.

⁸⁹ *V. Ibidem*, p. 241.

⁹⁰ SALGADO, Joaquim Carlos. O espírito do ocidente, ou a razão como medida. *Cadernos de Pós-Graduação em Direito: estudos e documentos de trabalho*. Pós- Graduação da Faculdade de Direito da USP, São Paulo, n. 9, 2012. Disponível em <http://www.direito.usp.br/pos/arquivos/cadernos/caderno_9_2012.pdf>, acessado em 29 de novembro de 2017.

compreensão do filosofar – que se inicia com os gregos, recebendo sua formatação definitiva nos diálogos de Platão – que é atacada por aqueles que tencionam desmascarar a “pulsão autocrática” do humanismo e de sua consciência unitária, auto-centrada e universalista.

Se levarmos a sério o autoproclamado apolinismo do ideário nazista (e de Rosenberg),⁹¹ veremos que, longe de consumir o ideal platônico, o Terceiro Reich pretende extirpá-lo. Como Nietzsche observara, o apolinismo é *principium individuationis*, que firma formas e limites fixos – para as coisas e para os homens. É objetificação, negação do caráter fluido da subjetividade. O “ego perfeito” apolíneo “não tem vida interior”,⁹² é exterioridade total, “pureza hierática”.⁹³ A repulsa que Rosenberg nutre por Pitágoras pode ser explicada pela aversão nazista ao “exame de consciência”. A identificação, feita por Lacoue-Labarthe, entre Metafísica do Sujeito e esteticismo (que, recordemos, estaria na base da lógica fascista) não deixa de ser contraditória: como leciona Paglia, “o esteticismo insiste na linha apolínea, separando objetos uns dos outros e da natureza”.⁹⁴ O esteticismo pressupõe padrões claros e precisos, o oposto de uma subjetividade ilimitada, que, como um buraco negro, é permanentemente engolida por sua própria força gravitacional (cai, eternamente, em direção a seu centro de gravidade ausente, expandindo-se *ad infinitum*). São já longos os estudos que associam a “descoberta do ‘homem interior’ e da profundidade insondável da *psyché*”⁹⁵ às religiões místicas.⁹⁶ A “segunda navegação” platônica ocorre apenas no declínio do período clássico (século V a. C.), quando o apolinismo ateniense restava comprometido.⁹⁷ A

⁹¹ Sobre a dimensão apolínea do nazismo, ensina Camille Paglia: “O louro é a frieza e o conceitualismo lupinos de Apolo. Deixaram sua marca em nosso século no arianismo homoerótico de Hitler e na gélida lança-olho do cinema apolíneo em preto-e-branco”. PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 78.

⁹² *Ibidem*, p. 85.

⁹³ *Idem*.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 96.

⁹⁵ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Estrutura intersubjetiva da vida ética. Ética e direito*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 319.

⁹⁶ A propósito dos mistérios, Camille Paglia dirá: “A religião do mistério é uma comunhão, uma união de humano e divino, avolumando-se pelo mundo com uma força que tudo conquista. A religião de mistério é uma vibração, um tremor ou *tremblor* que reduz o visível ao tangível, uma brutal mão na massa”. PAGLIA. *Personas sexuais*, cit., p. 98. Lima Vaz, refletindo sobre os elementos que aproximam e distanciam a filosofia platônica e a religião dos mistérios, observará: “O mito filosófico, ilustrado sobretudo por Platão, enquanto ‘discurso da verossimilhança’ (*eikòs logos*), obedece a motivos gnoseológicos diversos ao ser aplicado seja às realidades sujeitas ao movimento e ao tempo – bem como à narração das origens (*Timeu*) –, seja à natureza das almas (*Febro*) ou à história do seu destino (*Górgias*, *Fédon*, *República*). O mito filosófico, a partir de Platão, terá, sem dúvida, estreitas relações com o mito nos cultos místicos, mas estes seguem sua lógica própria. Ou melhor, deles procede um *logos* especificamente distinto do *logos* filosófico, caracterizado como ‘discurso sagrado’ (*hieròs logos*), do qual são conhecidas duas formas: o *hieròs logos* literário e o *hieròs logos* cultural”. LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Formas da experiência mística na tradição ocidental. Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 61.

⁹⁷ A metáfora que representa a descoberta da metafísica como uma “segunda navegação” encontra-se no *Fédon*. Sobre o tema, ensina Paulo César Nodari: “Na imagem platônica, a *primeira navegação* simbolizava o percurso

“politização do estético” pretendida pelo nazismo é, por sua própria natureza, refratária à vida do espírito – e, por conseguinte, à prática filosófica, na qual essa vida se realizaria de maneira plena. O combate ao dionisíaco, tal como proposto por Rosenberg, representa, ao fim e ao cabo, uma luta contra a filosofia. “A besta louca” cultuada pelo autor tem pouco ou nada a ver com Platão. É o dório, masculino, territorial, aristocrata (Esparta), contra o jônio, náutico, feminino, democrata (o cosmopolitismo da Atenas decadente).

da filosofia realizado sob o impulso do vento da filosofia naturalista. As velas ao vento dos físicos eram os sentidos e as sensações. A *segunda navegação* representa, ao contrário, a contribuição pessoal de Platão, à navegação realizada sob o impulso de suas próprias forças, ou seja, em linguagem metafórica, sua elaboração pessoal. A *primeira navegação* revelara-se fora de rota, considerando que os filósofos pré-socráticos não conseguiram explicar o sensível através do próprio sensível. Já a *segunda navegação* encontra a nova rota, quando conduz à descoberta do supra-sensível, ou seja, do ser inteligível”. NODARI, Paulo César. A doutrina das idéias em Platão. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 31, n. 101, p. 359 a 374, 2004, p. 361.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.
- ALMEIDA, Philippe Oliveira de. *Crítica da razão antiutópica: inovação institucional na aurora do Estado moderno*. 2016. 329 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.
- ALMEIDA, Philippe Oliveira de. Filosofia como crítica das ideologias: o totalitarismo no embate entre Voegelin e Kelsen. *Outramargem: revista de filosofia*, Belo Horizonte, n. 5, p. 171 a 188, segundo semestre de 2016.
- ALMEIDA, Philippe Oliveira de. Universalismo e relativismo cultural em Castoriadis. *Revista Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, n. 16, p. 23 a 38, 2016.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- ARENDT, Hannah. Martin Heidegger faz 80 anos. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ed. schwarcz S.A., 2013
- BARRETO, André Assi. O problema das religiões políticas no pensamento de Eric Voegelin. In: MACEDO, Cecília...et al. (org.). *Ética, Política, Religião e Filosofia Oriental*. São Paulo: ANPOF, 2019, p. 71
- BATISTA JÚNIOR, Onofre Alves. *O outro Leviatã e a corrida ao fundo do poço*. São Paulo: Almedina, 2015.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BERMEO, Nancy. Going Mad or Getting Mad? Cidadãos, escassez e o colapso da democracia na Europa de entre as guerras. *Penélope*, 19-20 (1998): 11-42.
- BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier (Org.). *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Editorial Dykinson, 2014.
- BLOOM, Harold. *Presságios do milênio: anjos, sonhos e imortalidade*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.
- CHAGAS, Dante Alexandre Ribeiro das. *Um emblema negro no consciente Europeu: O Não Lugar da África e a construção de Inferioridade do negro entre o Iluminismo e o Idealismo Alemão*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2022.
- CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *The foundations of the Nineteenth Century*. Trad. John Lees. London; New York: John Lane Company, 1911, 2 vol.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lucia Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRIESEN, J. Gleen. Dooyeweerd, Spann, and the philosophy of totality. *Philosophia Reformata*, Leiden, v. 70, n. 1, p. 2 a 22, 2005.
- FUKUYAMA, Francis. The end of History?. *The National Interest*, No. 16, p. 3-18, 1989. Disponível em: <http://www.wesjones.com/eoh.htm#source>.

- GOBINEAU, Arthur de. *The inequality of human races*. Trad. Adrian Collins. London: William Heinemann, 1915.
- GROSCLAUDE, Pierre. *Alfred Rosenberg et Le mythe du XXme siècle*. Paris: Editions Fernand Sorlot, 1938.
- HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HENRIQUES, Hugo Rezende. A totalidade contra os totalitarismos: Hegel e a Vontade Nacional. In: HORTA, José Luiz Borges. (Org.). *Hegel, Paixão e Diferença*. 1ed. Belo Horizonte: Editora Expert, 2021, v. 1, p. 108-125.
- HENRIQUES, Hugo Rezende. *Fenomenologia do poder: o Estado de Direito e seu compromisso com o Poder como liberdade*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2020.
- HERDER, Johann Gottfried von. *Shakespeare*. Trad. Gregory Moore. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORTA, José Luiz Borges; RAMOS, Marcelo Maciel. Entre as veredas da cultura e da civilização. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, ano 58, n. 233, jul./dez. 2009, p. 235-264.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.
- KELSEN, Hans. *A democracia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti, Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KLEIN, Naomi. *A doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KRAUSZ, Luis Sérgio. Consciência e inconsciência do nazismo. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 15, p. 190-196, 2010.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista; seguido de O espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. Trad. Márcio Seligmann Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Estrutura intersubjetiva da vida ética. Ética e direito*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Formas da experiência mística na tradição ocidental. Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. Trad. Maryse Farhi. *Crítica Marxista*, n. 17, p. 51-79, 2006.
- LUHRSSSEN, David. *Hammer of the gods: the Thule Society and the birth of Nazism*. Washington: Potomac Books, 2012.
- MATTHÄUS, Jürgen; BAJOHR, Frank. *The political diary of Alfred Rosenberg and the onset of the Holocaust*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015.
- MAYOS, Gonçal. *L'alienació postmoderna*. Barcelona: DeBarris, 2008.
- MILCHMAN, Alan; ROSENBERG, Alan (Org.). *Postmodernism and the Holocaust*. Amsterdam: Rodopi, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- NODARI, Paulo César. A doutrina das idéias em Platão. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 31, n. 101, p. 359 a 374, 2004.

- PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PALLARDÓ, F. Garrido. *Los orígenes del romanticismo*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PETRUCCELLI, José Luís. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 7, dezembro de 1996, p.134-149.
- PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Trad. Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2008.
- POLANYI, Karl. The essence of fascism. In: LEWIS, John; POLANYI, Karl; KITCHIN, Donald K. (orgs.). *Christianity and the Social Revolution*. Nova Iorque: Ayer Co. Pub., 1935, p. 359-94.
- POPPER, Karl. *A Lógica da pesquisa científica*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974.
- POPPER, Karl. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, 2v.
- REDLES, David. *Hitler's millennial reich: apocalyptic belief and the search for salvation*. New York; London: New York University Press, 2005.
- ROCKMORE, Tom. *On Heidegger's Nazism and Philosophy*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- ROSENBERG, Alfred. *El mito del siglo 20: una valoración de las luchas anímico-espirituales de las formas en nuestro tiempo*. Madrid: Ediciones Wotan, 1992.
- ROSENBERG, Alfred. *Memoirs of Alfred Rosenberg, with commentaries by Serge Lang and Ernst von Schenck*. Chicago: Ziff-Davis Publishing Company.
- SALGADO, Joaquim Carlos. O espírito do ocidente, ou a razão como medida. *Cadernos de Pós-Graduação em Direito: estudos e documentos de trabalho*. Pós- Graduação da Faculdade de Direito da USP, São Paulo, n. 9, 2012.
- SALGADO, Karine; FEITAL, Thiago Álvares. Pico della Mirandola, Botticelli e a “antropologização” do Direito – em busca de uma representação da justiça no Quatrocento. *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora, n. 14, v. 2, p. 125 a 150, outubro de 2011.
- SALVI, Rosana Figueiredo. Movimento pós-moderno e cultura: periodizando e discutindo suas fases. *Semina: Ciências Humanas e Sociais*. Londrina, v. 23, p. 79 a 92, setembro de 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVA, Carlos Henrique do Carmo. Gnose bendita: realização espiritual e suas contrafações recentes. *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 31:1 (2001) 89-123.
- SILVEIRA, Fernando Lang da. A filosofia crítica de Karl Popper: o racionalismo crítico, *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 197 a 218, dezembro de 1996.
- SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale*. London: Penguin Books, 2003. 2 vol.
- TRAVERSO, Enzo. *El totalitarismo: usos y abusos de un concepto*. In: FORCADELL, Carlos; SABIO, Alberto (eds). *Las Escalas del pasado, IV Congreso de Historia local de Aragon*, Instituto de Estudios Altoaragoneses, p 99-110, 2005.
- TRUITT, E. R. *Fantasy North*. Aeon, 15 de fevereiro de 2016.
- VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a “revolução conservadora” e o tradicionalismo. *Plural*, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.

- VELHO, Otávio. Ensaio herético sobre a atualidade da gnose. *Horizontes antropológicos*, v. 4, p. 34-52, 1998.
- VOEGELIN, Eric. *As religiões políticas*. Trad. Teresa Marques da Silva. Lisboa: Vega Limitada, 2002.
- WHISKER, James B. *The philosophy of Alfred Rosenberg: origins of the national socialist myth*. Costa Mesa: The Noontide Press, 1990.
- WITTMAN, Robert K.; KINNEY, David. *O diário do diabo: os segredos de Alfred Rosenberg, o maior intelectual do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- ZIZEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo?: cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

Como citar este artigo: CHAGAS, Dante Alexandre Ribeiro das; ALMEIDA, Philippe Oliveira de. Um relativismo totalitário? Alfred Rosenberg, os direitos do homem e o “relativismo filosófico”. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 1–33, 2023.

Recebido em 11.10.2022

Publicado em 23.03.2023

